

Contribuições das concepções ético-filosóficas de Confúcio para o desenvolvimento ético do naturólogo

Contributions from the ethical-philosophical notions of Confucius to the ethical development of the naturologist

Camila de Godoi Corrêa¹, Ana Cláudia Moraes Barros Leite-Mor²

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v26i2p57-69>

Corrêa CG, Leite-Mor ACMB. Contribuições das concepções ético-filosóficas de Confúcio para o desenvolvimento ético do naturólogo. *Saúde, Ética Justiça* (Online). 2021;26(2):57-69.

RESUMO: Introdução: O presente trabalho propõe discutir a conduta e a responsabilidade ética e social do naturólogo, enquanto profissional de saúde, a partir do estudo da obra *Os Analectos*, de Confúcio. **Objetivos:** Desenvolver reflexões éticas com base no pensamento de Confúcio, apresentando seu modelo ético de humano/pessoa como uma proposta para a reflexão ética do naturólogo. **Métodos:** Foi realizada uma pesquisa teórico-reflexiva com metodologia experiencial-hermenêutica do livro *Os Analectos*, de Confúcio, e o fichamento e a sistematização de literaturas para a contextualização histórico-social dessa mesma obra. A metodologia experiencial-hermenêutica se deu pela leitura pausada, capítulo a capítulo, de três traduções do livro simultaneamente, e da vivência reflexiva dos ensinamentos do clássico no dia a dia, juntamente com a discussão destes em grupo de pesquisa. **Resultados e discussão:** Os resultados foram apresentados em duas instâncias: as que correspondem à qualificação de si mesmo através do aprendizado e do desenvolvimento das virtudes, e as referentes ao aprimoramento na relação com os outros, como o ensino, o governo e a amizade. Estes aspectos são refletidos na conduta profissional ética do naturólogo, além de levantar a reflexão sobre a responsabilidade social deste profissional. **Considerações finais:** Consideramos as reflexões éticas de Confúcio, a sua proposta de aprendizado, desenvolvimento, valorização da vida e aposta positiva na humanidade de extrema valia para o aprimoramento ético do naturólogo, bem como para o melhor exercício da medicina chinesa, a partir do que se pode compreender mais profundamente a perspectiva da qual ela emerge.

DESCRITORES: Ética; Confucionismo; Naturologia; Filosofia; Bioética.

¹ Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6678-5021>

² Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8369-6845>

Autor-correspondente: Camila de Godoi Corrêa. E-mail: camilagodoic@gmail.com

Merece ser um professor o homem que descobre o novo ao refrescar
na sua mente aquilo que ele já conhece.
(Confúcio, *Os Analectos*, II. 11).

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa teórico-reflexiva que objetivou compreender o modelo ético proposto por Confúcio, a fim de aprofundar as reflexões acerca da conduta ética do profissional naturologo. Esta pesquisa está inserida em um projeto de pesquisa maior que objetiva estudar e compreender as formas-pensamento de sistemas terapêuticos não ocidentais, no caso, as da civilização chinesa, que compõem a formação em naturologia.

O diálogo entre sistemas terapêuticos ocidentais e não ocidentais é a proposta estruturante dos campos de conhecimento e prática da naturologia no Brasil, e da naturopatia no mundo¹, que objetiva desenvolver uma perspectiva vitalista, complexa e multidimensional acerca dos fenômenos de vida-saúde-adoecimento^{2,3}. A relação terapêutica na naturologia, denominada interagência, propõe uma perspectiva individualizada quanto ao processo de saúde-adoecimento do sujeito e é baseada na educação em saúde emancipatória e produtora de autonomia^{4,5}.

A interagência preconiza a transversalidade da relação, na qual tanto o naturologo quanto o interagente partilham o desenvolvimento e a restauração do modo de vida, a fim de promover saúde, sendo que simultânea e mutuamente educam e são educados. Tais concepções configuram uma proposta ética complexa que exige o refinamento da conduta terapêutica associado ao fazer profissional em saúde do naturologo, e que deve alinhar-se com a perspectiva complexa dos processos de saúde, bem-estar e vitalidade do indivíduo em seus diferentes níveis.

Na naturologia, a reflexão ética sobre a conduta profissional está inserida na delimitação do conceito de interagência, no entanto, ainda é recente e incipiente a fundamentação e estruturação teórica deste conceito⁶. Algumas reflexões éticas quanto à naturologia foram desenvolvidas por Hellmann e Verdi^{7,8}. Esses autores versaram sobre as abordagens da ética, bioética e deontologia profissional no ensino da naturologia no Brasil, além de reflexões éticas por uma abordagem do cuidado⁹.

A partir de uma perspectiva inter e transdisciplinar, a naturologia propõe o estudo da Medicina Tradicional Chinesa (MTC), dentre outros sistemas terapêuticos, também em sua profundidade teórica. Tal proposta objetiva não somente utilizar recursos terapêuticos de forma pragmática, como se tem observado acontecer no campo das Práticas Integrativas e Complementares

(PIC), mas apreender toda a estrutura de pensamento da MTC, de forma a produzir um olhar fundamentalmente vitalista acerca do fenômeno de saúde-adoecimento. Esta proposta exige a relativização da estrutura de pensamento ocidental, a perspectiva biomédica, na qual também os naturologos são formados, para que possamos experimentar esta outra forma-pensamento de percepção do mundo: a chinesa.

O presente trabalho propõe, portanto, o estudo experiencial-hermenêutico de um texto clássico chinês, de forma a contribuir com a necessidade de aprofundamento nas formas-pensamento implicadas na MTC e também com a reflexão ética acerca do fazer naturoológico e da interagência, como proposta de educação em saúde. O primeiro percurso realizado nesta pesquisa foi o estudo experiencial-hermenêutico do clássico *Os Analectos*, de Confúcio. Pensador da antiguidade chinesa, Confúcio tem suas reflexões compiladas por seus discípulos nesta obra clássica, na qual se apresenta a busca pelo aperfeiçoamento constante do homem em sua natureza humana, em direção à plenitude.

O estudo experiencial-hermenêutico proposto neste artigo consistiu na leitura simultânea, detida e pausada, de dois capítulos por semana de três traduções do clássico, a fim de ampliar o entendimento das noções propostas, não se limitando à interpretação de um único tradutor. Tal proposta de leitura em profundidade possibilitou maior contato com a autenticidade do texto, de forma que as pesquisadoras puderam conviver e experimentar os ensinamentos.

O segundo percurso foi o aprofundamento nas reflexões histórica e filosófica desenvolvidas no campo da sinologia, com ênfase na sinologia francesa, como suporte ao entendimento dos textos clássicos. Os autores estudados para ampliar a compreensão do texto clássico e a estrutura da forma-pensamento chinesa foram a sinóloga Anne Cheng¹⁰ e o historiador Jaques Gernet¹¹; além dos comentários dos tradutores de *Os Analectos* e de outros autores utilizados de forma complementar.

As tradições de pensamento chinesas, diferentemente das ocidentais, não sofreram rupturas consideráveis nos seus alicerces cosmológicos, teóricos, filosóficos e éticos advindos das tradições ancestrais, antigas, como demonstra a grande influência do confucionismo na atualidade e na MTC. Perante este fato, a naturologia, que objetiva estabelecer um diálogo transdisciplinar com a MTC, necessita desenvolver conhecimentos e métodos próprios para o estudo, o aprofundamento e a produção acadêmica, em vista de constituir seu corpo de conhecimento e reflexividade a partir do diálogo inter-racionalidades e interculturalidades,

problematizando o paradigma cientificista atual^{2,3,5}. Dessa forma, este estudo pretende subsidiar e contribuir com reflexões éticas, advindas do estudo em profundidade do texto clássico mais representativo do confucionismo, a fim de contribuir com a prática naturopática, tanto em termos da relação terapêutica, como quanto ao seu uso pertinente da MTC.

A China Antiga: contextualização do período de Confúcio

Confúcio viveu no final da dinastia Zhou (séc. XI a III a.C.), período de Primaveras e Outonos (séc. 772 a 481 a.C.). Nasceu por volta de 551 a.C.; é nativo do condado de Lu e tinha aproximação com a casa real dos Zhou. Descendia de uma família de nobres, o que é um possível motivo para seu apreço à dinastia Zhou e seus valores¹⁰. Era um indivíduo pobre, com apreço pelos estudos. Foi professor de ritos e teve breve carreira política, trabalhando principalmente com o Duque de Lu, deixando sua terra natal por não aprovação à maneira como esta estava sendo governada. Partiu em uma viagem oferecendo seus conselhos em diversos reinos. Não teve sucesso quanto a estabelecer seu modelo de governo em alguma região; então, em 484 a.C. volta ao condado de Lu, com 68 anos. Sua proposta, a partir daí, se desvincula de conselheiro político para se dedicar ao ensino¹².

A dinastia Zhou é dividida em dois períodos: o Zhou Ocidentais (séc. XI a VIII a.C.), momento em que houve prestígio político, e o período correspondente ao enfraquecimento da dinastia, o Zhou Orientais (séc. VIII a III a. C.), chamada por este nome pela mudança de sua capital mais para o leste da China. Os Zhou, no início de sua era, para justificarem a derrubada da dinastia dos Shang e legitimarem sua posição como governantes, instituem as noções de *Céu e Mandato do Céu*, de forma que considerou-se que o cargo de governante é dado por um *Decreto Divino*¹⁰. O Céu é personificado e intenciona o bem-estar do povo, enviando um representante de sua vontade, por seu decreto, para promover e garantir seus desejos¹². O governante, considerado *Filho do Céu*, deve ser qualificado moralmente para isso, de forma que a sua conduta ética é o que lhe permite permanecer detentor do mandato do Céu, que se torna o imperativo moral. Tal delegação é a base da estrutura feudal, de forma que a autoridade do Estado estava com o *Filho do Céu*, rei dos Zhou, o qual os diversos clãs e seus duques apoiavam. O período dos Zhou ocidental, no qual o *Mandato do Céu* estava atrelado à conduta moral do governante, foi altamente valorizado por Confúcio como um período social e eticamente harmônico.

Com a desestruturação da dinastia Zhou, inicia-se o período dos Zhou Orientais, que é dividido em Primaveras e Outono (séc. 772 a 481 a.C.) e Reinos

Combatentes (séc. 403 a 256 a.C.), um período em que as discussões são fomentadas no âmbito da articulação do discurso e do fascínio pelo refinamento da linguagem. Ambos estes períodos foram marcados por disputas e guerras constantes entre os diversos clãs e condados chineses, motivados pela insatisfação de alguns reinados com o governo dos Zhou e com os privilégios nobiliárquicos. Devido ao desenvolvimento tecnológico desse período, que implicou a utilização do aço fundido, de cavalos e de mudanças na agricultura, alguns reinos passam a ter autonomia com relação à dinastia, a incorporar territórios independentes e a encerrar o reino Zhou em um diminuto pedaço de terra, encerrando o poder desta casa. Esses períodos foram de intensa transformação social, política, religiosa e intelectual na região que viria a tornar-se a China, sendo que fomentou o desenvolvimento de diversas escolas de pensamento, dentre elas a de Confúcio.

É neste contexto conturbado que Confúcio viveu; para ele, o caos social desse período era resultado da corrupção dos indivíduos e da perda de princípios éticos ligados à ancestralidade e aos ritos, por parte dos indivíduos de distintas ramas sociais e em especial dos governantes. Neste sentido, Confúcio aspirava por um modelo ideal de homem, respaldando a necessidade de fortalecer o prestígio do Céu e seus ideais morais, que mostravam declínio, juntamente com a decomposição e perda de prestígio do soberano. Ele acredita ter a missão de transmitir uma cultura (*wen*), uma tradição que considera civilizada, contendo ensinamentos em três polos: o aprendizado, o senso de humano e o espírito ritual¹⁰. Em Confúcio, a tradição, para garantir que a sociedade não se perca do Caminho (*Tao*), precisa conceber que “a política é uma extensão da ética, [e que] o governo é de homens, não de leis”¹³ (p. 27). Dessa forma, seu pensamento se desenvolve no sentido de reestruturar a ordem social a partir do desenvolvimento ético e da reorganização cósmica da humanidade que consiste no devido respeito ao mandato do céu, às hierarquias, aos ritos e aos ancestrais. Dessa forma, o pensamento de Confúcio debruça-se sobre o desenvolvimento ético dos sujeitos, com referência ao cenário sublime do início da dinastia Zhou. “Sua filosofia era tanto um produto quanto um agente da metamorfose cultural que ocorria em seu tempo”¹³ (p. 185).

O confucionismo foi uma das “Três Doutrinas” de maior influência na China, e se transformou em um sistema cultural. Anne Cheng¹⁰ afirma que Confúcio não era como seus contemporâneos indianos ou gregos. Ele “não é nem um filósofo, na origem de um sistema de pensamento, nem um fundador de uma espiritualidade ou de uma religião”¹⁰ (p. 64); apesar disso, moldou o homem chinês por mais de dois milênios, além de ser o primeiro a propor uma concepção ética de homem.

O livro dos Analectos

O clássico dos Analectos de Confúcio traz reflexões que dialogam com o momento atual em que vivemos¹³. Composto por diálogos curtos entre Confúcio e seus discípulos, foi compilado em 10 rolos compostos cada um com dois capítulos e finalizado em aproximadamente 400 a.C. Na intelectualidade chinesa, uma obra Clássica é formada por textos canônicos de uma tradição, construída ao redor de uma autoridade e por comentários de discípulos ou pensadores individuais¹⁴. Não se sabe ao certo quais autores redigiram total ou parcialmente o livro; no entanto, ele consiste na reunião de diversos registros de diálogos e ensinamentos de seus discípulos, sendo que os ensinamentos são todos dados a Confúcio.

Para a realização da pesquisa, foram selecionadas três traduções da obra *Os Analectos* disponíveis em português, sendo elas a tradução direta do chinês de Giorgio Sinedino, publicada pela editora UNESP¹⁴; a tradução de Cláudia Berliner, traduzida da edição inglesa de Simon Leys, publicada pela editora Martins Fontes¹³; a tradução de Caroline Chang, traduzida também da edição inglesa de D. C. Lau, publicada pela editora L&PM¹².

A opção de trabalhar com três traduções simultaneamente se deu pela tentativa de explorar mais de uma interpretação do texto; no entanto considera-se que a ausência de mais traduções diretas do chinês para o português, além da apresentada pela editora UNESP, é uma limitação deste estudo. Ademais, a escolha das traduções se deu pelo reconhecimento dos estudos em sinologia e língua chinesa dos tradutores originais. No caso, Giorgio Sinedino, Simon Leys e D. C. Lau são estudiosos reconhecidos da língua e cultura chinesas.

RESULTADOS

As reflexões éticas do analectos

As reflexões de Confúcio em *Os Analectos* debruçam-se sobre as condutas do humano, permeadas por três instâncias: a do individual, a da comunidade e a da ordem superior. Conforme a própria característica do pensamento chinês, estas instâncias apresentam-se correlacionadas e interdependentes. A proposta ética consiste basicamente em: (1) qualificação de si mesmo, por meio do desenvolvimento de virtudes e da disposição para o aprendizado; (2) aprimoramento da relação com os outros e com a comunidade, através de uma atitude respeitosa perante a família, os amigos e o governante; e, por fim, (3) busca pela harmonia, que coincide com o encontro e a permanência no caminho, o *Tao*. Dessa forma,

devemos aprimorar a nós mesmos, para o bem conviver coletivamente e para o desenvolvimento dos demais. A relação com o outro permeia intrinsecamente todos os ensinamentos de Confúcio, pois é a partir do exemplo dos outros e das relações familiares e comunitárias que podemos desenvolver-nos como seres éticos.

A proposta ética de Confúcio é considerada uma ética da virtude pelo seu foco no desenvolvimento dos indivíduos, no sentido de se tornarem virtuosos e, portanto, capazes de fazer escolhas e de agir de forma ética¹⁵. Em relação às virtudes propostas pelo pensador, não se tem um consenso quanto a quais são as mais importantes e aquelas secundárias, sendo que, no geral, se reconhecem aquelas elencadas por Mêncio as mais importantes: Humanidade, Retidão ou Dever, Adequação, Sabedoria e Confiabilidade¹⁴.

A seguir, exploraremos algumas proposições éticas da obra *Os Analectos*, a fim de subsidiar a discussão ética acerca da relação terapêutica e conduta do naturólogo. Esta seção está dividida em duas partes, a saber: a qualificação de si mesmo e o aprimoramento da relação com os outros. As virtudes propostas por Confúcio são trabalhadas ao longo das seções, tanto no seu significado na obra, quanto nos meios indicados pelo mestre para o seu desenvolvimento.

Com o intento de aproximar o leitor da obra em questão, as discussões éticas serão exemplificadas por passagens do texto clássico, sempre reproduzidas nas três traduções, de forma que o estilo, a complexidade e a profundidade da obra, observados nesta pesquisa, sejam transpostos para este artigo. É importante salientar que não é objetivo deste trabalho alcançar uma interpretação exauriente da obra, mas explorar o próprio processo reflexivo, disparado pelo estudo e experimentação do clássico, quanto às possibilidades éticas do naturólogo, enquanto profissional de MTC.

A qualificação de si mesmo

O objetivo da proposta ética de Confúcio é o indivíduo tornar-se um homem nobre*. O homem nobre representa o caráter moral e ético máximo, sendo que boa parte do texto dos Analectos trata de descrever as condutas e apresentar as virtudes características do homem nobre, em contraposição ao homem comum. Neste sentido, a educação moral e ética assume a centralidade da proposta de Confúcio, visto que o processo para tornar-se um homem nobre exige a disposição para o aprendizado constante, para a qualificação de si mesmo, que implica o refinamento (*wen*) processual da conduta e o desenvolvimento das virtudes. A centralidade do

* A referência ao homem nobre possui algumas denominações diferentes a depender da tradução. Nas traduções de Simon Leys¹³ e de D. C. Lau¹² é utilizado o termo “cavalheiro”, sendo que o termo “Homem Nobre” é utilizado na tradução de Sinedino¹⁴ e também a escolhida neste trabalho. Em algumas partes do texto encontramos também os termos “pessoa humana”¹⁴, “homem bom”¹³ e “homem benevolente”¹², que denotam a virtude da benevolência/humanidade, sendo um aspecto do homem nobre.

aprendizado/estudo pode ser observada na seguinte passagem (XVII.8):

O Mestre disse: “Yu, você ouviu sobre as seis qualidades e sobre os seis erros dos quais devemos nos resguardar?” “Não.” “Sente-se e eu vou dizê-lo. Amar a benevolência sem amar o aprendizado pode levar à tolice. Amar a esperteza sem amar o aprendizado pode levar ao desvio do caminho correto. Amar a coerência com as próprias palavras sem amar o aprendizado pode levar a um comportamento destrutivo. Amar a determinação sem amar o aprendizado pode levar a intolerância. Amar a coragem sem amar o aprendizado pode levar à insubordinação. Amar a força sem amar o aprendizado pode levar à indisciplina”¹².

O Mestre disse: “Zilu, já ouviste falar das seis qualidades e suas seis perversões?” “Não.” “Senta-te, eu te contarei. O amor pela humanidade sem o amor pela aprendizagem degenera em frivolidade. O amor pelo cavalheirismo sem o amor pela aprendizagem degenera em banditismo. O amor pela franqueza sem o amor pela aprendizagem degenera em brutalidade. O amor pela coragem sem o amor pela aprendizagem degenera em violência. O amor pela força sem o amor pela aprendizagem degenera em anarquia”¹³.

O Mestre disse: “You, você já ouviu falar das ‘seis frases’ e das ‘seis barreiras’?”. [Zilu] respondeu: “Não”. [O Mestre disse:] “Sente-se! Vou lhe contar. Daquele que gosta da Humanidade e não gosta de estudar, a barreira é a estupidez. Daquele que gosta da sabedoria e não gosta de estudar, a barreira é a dissipação. Daquele que gosta da confiabilidade e não gosta de estudar, a barreira é a vulnerabilidade. Daquele que gosta da retidão e não gosta de estudar, a barreira é a precipitação. Daquele que gosta da coragem e não gosta de estudar, a barreira é a insurgência. Daquele que gosta da fibra e não gosta de estudar, a barreira é a arbitrariedade”¹⁴.

Tal excerto exemplifica como o desenvolvimento ético acontece através do aprendizado. Para Confúcio, a conduta adequada deve ser desenvolvida, sendo necessário o refinamento da ação correta, pois somente assim a pessoa poderá cumprir sua função social. Na proposta de educação de Confúcio, segundo Anne Cheng¹⁰, se qualifica o conhecimento prático acima, mas não desvinculado, do saber teórico, unindo a necessidade de desenvolvimento moral e intelectual à prática das funções sociais e políticas.

Anne Cheng¹⁰ analisa que em Confúcio o termo *junzi* (homem nobre ou cavalheiro), não significa somente a qualidade de nobreza determinada pelo nascimento, mas também a qualidade de um humano. Como se o aprender proporcionasse, pelo diálogo com outras pessoas, qualidade a este, gerando a busca por uma harmonia

comum para todos. Neste sentido, a qualificação por meio do aprendizado permite um engajamento no caminho da existência, no sentido de experiência de vida¹⁰, implica a transformação moral, o distanciamento da ignorância¹⁴.

As características fundamentais para Confúcio, na formação da conduta da pessoa nobre, consistem, como mencionado, no desenvolvimento de virtudes. As virtudes devem ser seguidas como guias, pois elas mantêm o indivíduo no caminho harmônico. Têm-se dois aspectos fundamentais: o Caminho (*tao*) e a Virtude (*te*). Alinhados a Mêncio, destrincharemos abaixo os sentidos das virtudes de: humanidade ou benevolência, confiabilidade, retidão e sabedoria.

Humanidade (*ren*)

A humanidade/benevolência** se mostra para Confúcio como o ápice das virtudes que representa a excelência humana. Como se pode ver no trecho (XVII.6), é constituída pelas demais virtudes, por exemplo:

Tzu-chang perguntou a Confúcio sobre benevolência. Confúcio disse: “Há cinco coisas, e qualquer um que seja capaz de colocá-las em prática no Império é, com certeza, ‘benevolente’”. “Posso perguntar que coisas são essas?”. “Elas são o respeito, a tolerância, a coerência com as próprias palavras, a rapidez e a generosidade. Se um homem é respeitoso, ele não será tratado com insolência. Se é tolerante, ele conquistará o povo. Se é coerente com as próprias palavras, seus semelhantes confiarão nele. Se é rápido, atingirá resultados. Se é generoso, ele será bom o suficiente a ponto de ser colocado em uma posição acima de seus semelhantes”¹². Zizhang perguntou a Confúcio sobre humanidade. O Mestre disse: “Quem conseguisse espalhar as cinco práticas no mundo inteiro implementaria a humanidade”. “E quais são elas?” “Cortesia, tolerância, boa-fé, diligência, generosidade. A cortesia repele os insultos; a tolerância conquista todos os corações; a boa-fé inspira a confiança dos outros; a diligência garante o sucesso; a generosidade confere autoridade sobre os outros”¹³.

Zizhang perguntou a Kongzi sobre a Humanidade. Kongzi disse: “Poder realizar cinco coisas em Tudo sob o Céu, eis o que é Humanidade” [Zizhang] pediu permissão para perguntar [o que eram essas cinco coisas]. [O Mestre] disse: “Cortesia, tolerância, confiabilidade, sagacidade, magnanimidade. Se cortês, [o homem] não será humilhado. Se tolerante, não ofenderá os outros. Se confiável, as pessoas dependerão dele. Se sagaz, terá mérito. Se magnânimo, isso basta para comandar as pessoas”¹⁴.

O caractere *Ren* é constituído pelo caractere correspondente à pessoa e o caractere correspondente

** O caractere *ren* ora é traduzido por humanidade^{13,14}, ora por benevolência¹²; neste trabalho trazemos os dois termos, pois queremos explorar os seus sentidos conjuntamente.

ao número dois, designando uma virtude manifesta na relação entre as pessoas. Neste sentido, *Ren* representa a capacidade de amar das pessoas, no sentido de cuidado e zelo¹⁴. Para Anne Cheng¹⁰, a valorização do *Ren* como a maior das virtudes demonstra a aposta de Confúcio na própria qualidade ética humana, sendo que a pessoa só conquista essa qualificação pelas relações que tem com os outros. O cerne da noção de humanidade/benevolência está no cuidado do outro, em ajudar o outro a se realizar e a se reconhecer. A partir do desenvolvimento desta virtude, desenvolvemos e compreendemos todas as outras.

Retidão

A retidão, ou o “senso do justo”, implica fazer o que é o certo, o que é devido, mesmo que as circunstâncias induzam ou seduzam ao que é errado. Neste sentido, a retidão é a integridade da pessoa que opta por agir eticamente em qualquer circunstância e permite que a pessoa distinga o que é justo e correto em cada momento. Conforme a passagem IV.10:

O Mestre disse: “Nas suas relações com o mundo, o cavaleiro não é rigidamente contra ou a favor de nada. Ele fica do lado daquilo que é justo”¹².

O Mestre disse: “Nos assuntos do mundo, um cavaleiro não tem *parti pris*: ele assume o lado da justiça”¹³.

O Mestre disse: “Com relação a Tudo sob o Céu, o Homem Nobre [em princípio] não tem de aceitar nada nem recusar nada. Ele [vê] o que é Devido e então age”¹⁴.

Sabedoria

A Sabedoria está associada ao convívio com outras pessoas, principalmente com aquelas que também estão seguindo o caminho do aperfeiçoamento moral (IV.1; IX.29) e por necessitarem desempenhar sua responsabilidade social (VI.22); dessa forma, a pessoa sábia beneficia-se da Humanidade para chegar a seu propósito, ela se mantém no caminho do correto (IV.2) e, portanto, garante o alinhamento do homem completo (XIV.12). Como exemplo, o trecho IV.2:

O Mestre disse: “Quem não é benevolente não pode permanecer por muito tempo em uma situação difícil e tampouco pode permanecer durante muito tempo em circunstâncias favoráveis. O homem benevolente é atraído pela benevolência porque ele se sente confortável com ela. O homem sábio é atraído pela benevolência porque percebe que ela lhe é favorável”¹².

O Mestre disse: “Um homem sem humanidade não poderia viver por muito tempo na adversidade nem poderia conhecer a adversidade nem poderia conhecer a alegria por muito tempo. Um homem bom apoia-se em sua humanidade, um homem sábio beneficia-se de sua humanidade”¹³.

O Mestre disse: “As pessoas que não têm Humanidade

não podem passar por privações por muito tempo, não podem manter-se alegres por um longo período. A pessoa Humana tranquiliza-se com a Humanidade, a pessoa sábia beneficia-se da Humanidade”¹⁴.

A sabedoria é um estágio de desenvolvimento difícil de alcançar, como a própria nobreza; por isso, é mencionado uma valorização de equilíbrio neste processo, definido como Constância (VII.26). Dá mesma forma que a sabedoria mantém a pessoa alinhada ao bem, para o governante está incumbida à persistência de manter ao povo a valorização do dever e o cuidado aos assuntos religiosos, respeitando-os sem que ultrapassem a dimensão política¹⁴.

Confiabilidade ou o discurso coerente às ações

O caractere correspondente à virtude de confiabilidade (*xin*) é a junção dos caracteres pessoa e palavra, e significa que o que se diz deve ser coerente com a pessoa e com suas ações, como no trecho abaixo (II.13). Para Confúcio, existe uma primazia da conduta com relação ao discurso, de forma que afirma continuamente que a pessoa nobre age corretamente e não fala extensamente sobre si ou sobre suas ações de maneira ardilosa.

Tzu-kung perguntou sobre como é o verdadeiro cavaleiro. O Mestre disse: “Ele coloca suas palavras em ação e só então permite que as palavras sigam-lhe a ação”¹².

Zigong perguntou sobre o verdadeiro cavaleiro. O Mestre disse: “Ele prega apenas o que pratica”¹³.

Zigong perguntou sobre o Homem Nobre. O Mestre respondeu: “[É aquele que] primeiro põe em prática o que tem a dizer e depois diz [com base no que fez]”¹⁴.

Neste sentido, a virtude de confiabilidade significa mais precisamente que aquilo que se diz somente tem valor se se manifesta intrinsecamente nas suas ações. Confúcio é um dos primeiros pensadores a persistir nesta relação, do *latente* e sua *manifestação visível*, em que a “ação não se contenta em ser uma aplicação do discurso, e o discurso só tem sentido se tiver influência direta sobre a ação”¹⁰ (p. 34). O pensamento e a reflexão ética, nesse sentido, são intrinsecamente conectados à ação, de forma que teorias abstratas ou excessivas não são bem-vistas em Confúcio, e no pensamento chinês em geral.

Na passagem XV.6, a seguir, podemos acompanhar Confúcio descrevendo a virtude de confiabilidade:

Tzu-chang perguntou sobre o progresso. O Mestre disse: “Se você tem consciência das próprias palavras e é coerente com elas, e se é determinado e reverente ao agir, então até mesmo nas terras dos bárbaros você progredirá. Mas, se falhar em ser consciencioso e coerente em relação a suas palavras ou determinado e reverente ao agir, então, mesmo na sua aldeia, como

conseguiria progredir? Onde você estiver, tenha esse ideal à frente, inscreva-o na canga da sua carruagem. Apenas então você com certeza progredirá”. Tzu-chang tomou nota disso no seu cinturão¹².

Zishang perguntou sobre a conduta. O mestre disse: “Fala com lealdade e boa-fé, age com dedicação e deferência, e mesmo entre os bárbaros tua conduta será irreprensível. Se falares sem lealdade e boa-fé, se agires sem dedicação ou deferência, tua conduta será inaceitável, mesmo no teu próprio vilarejo. Onde quer que te encontres, debes ter esse preceito sempre diante dos olhos; inscreve-o na canga de tua carruagem, e somente então serás capaz de ir para adiante”. Zizhang escreveu-o na sua faixa¹³.

Zizhang perguntou como ter êxito. O Mestre disse: “[Se] ao falar você é leal e confiável, seu agir será franco e respeitoso; mesmo em países bárbaros do Norte ou do Sul, você terá êxito. [Se] ao falar você não é leal e confiável, seu agir não será franco e respeitoso; mesmo [em sua] cidade ou terra [natal], você [ainda] terá êxito? Quando de pé, você deve ver [os ideogramas de lealdade, confiabilidade, franqueza e respeito] a sua frente. Quando na traseira do carro, você deve ver [os ideogramas de lealdade, confiabilidade, franqueza, e respeito] apoiados na canga dos bois. [Fazendo] assim, depois você poderá agir”. Zizhang escreveu [isso] sobre sua faixa¹⁴.

Confúcio¹⁴ (p. 470) ao comentar afirma, que “o falar deve demonstrar lealdade e confiabilidade; o agir deve aperfeiçoá-los e transmitir franqueza e respeito”.

O aprimoramento na relação com os outros

O potencial da virtude de humanidade/benevolência, *ren*, considerada a maior das virtudes em Confúcio, coloca-nos eminentemente em relação com os outros, visto a própria estrutura do caractere composta pelo ideograma de homem e pelo número dois. Tal sentido mostra que o princípio e a finalidade do desenvolvimento ético estão no convívio com os outros. Para Anne Cheng¹⁰ (p. 71), *ren* “constitui de imediato o homem como ser moral na rede de suas relações com os outros, cuja complexidade, no entanto, harmoniosa é a imagem do próprio universo”, consistindo não exatamente em um ideal de conduta, mas em um polo “para o qual tender indefinidamente”.

A relação do indivíduo com o resto do mundo, seja a comunidade ou a sociedade como um todo, fundamenta-se na ética da relação dos filhos com os pais. O laço de reciprocidade, troca e solidariedade que é visto entre filhos e pais deve ser transferido para as outras relações sociais, como os demais vínculos familiares, e para a relação dos cidadãos com o governante. A ética relacional do núcleo familiar torna-se exemplo da própria integração do grupo social.

O senso de responsabilidade e comprometimento ético da pessoa em relação seja à sua família, à sua

comunidade ou à sociedade em geral é fundamental para o desenvolvimento ético do sujeito. Neste sentido, vamos explorar aqui as proposições éticas de Confúcio quanto à função da amizade, ao governo e à relação com o mestre, visto que são fundamentais na nossa discussão.

Amizade

Confúcio menciona continuamente a importância da busca por amizades de pessoas que também estão no caminho para o desenvolvimento pessoal e ético. As pessoas servem de exemplo umas para as outras, provocando entre elas a busca pelo melhor de si (I.8). É através da amizade que alguém busca seu próprio aperfeiçoamento e ajuda o outro como uma extensão de si mesmo (VI.30). Trecho XII.24 do Analectos:

Tseng Tzu disse: “Um cavalheiro faz amigos por meio de sua cultura, mas busca os amigos para apoio benevolente”¹².

Mestre Zeng disse: “Um cavalheiro reúne amigos por meio de sua cultura; e com esses amigos ele desenvolve sua humanidade”¹³.

Mestre Zeng disse: “O Homem Nobre vale-se de seu Refinamento para reunir amigos e usa seus amigos para auxiliá-lo [na busca da] Humanidade”¹⁴.

O desenvolvimento individual tem por finalidade a busca do bem-estar em sociedade, para que o coletivo também se desenvolva e siga o Tao, ficando mais próximo do Céu. “Os amigos vêm de longe para discutir o Caminho, fazer-se conhecer, criar comunidades ou escolas de pensamento. Eis a natureza ideal de uma das mais importantes relações sociais no confucionismo: ‘a amizade’”¹⁴ (p. 3). Faz parte do entendimento confuciano que as coisas que possuem uma mesma natureza devem permanecer juntas, de forma que o ideograma da amizade apresenta duas luas unidas¹⁴.

Governo

Como a pessoa, é importante que o reino também esteja seguindo o Tao, de forma a trazer bem-estar e harmonia às pessoas. É responsabilidade do homem nobre, daquele que está seguindo o caminho da qualificação de si mesmo, colocar seus aprendizados a benefício do povo. O governante deveria ser um homem nobre, de caráter ético, que se desenvolve no sentido da humanidade.

Para Confúcio, a grande razão das conturbações, disputas, guerras e depravações éticas de sua época era a corrupção ética dos governantes que deixavam de seguir o curso do Céu e, conseqüentemente, deixavam de honrar com o mandato celeste. Neste sentido, a conturbação social é resultado da corrupção ética do governante. Para Confúcio, o governante não deveria ser movido por seus interesses pessoais, mas sim pelas necessidades do povo, exercendo seu posto com dignidade (XV. 33).

Chi K'ang perguntou: “Como se pode incluir no povo a virtude da reverência, de dar o melhor de si e com entusiasmo?”. O Mestre disse: “Governe-o com dignidade e o povo será reverente; trate-o com bondade e o povo dará o melhor de si; promova os homens bons e eduque os mais atrasados, e o povo ficará tomado de entusiasmo”¹².

O senhor Ji Kang perguntou: “O que deveria fazer para tornar o povo respeitoso, leal e zeloso?”. O Mestre disse: “Aproxima-te dele com dignidade e ele será respeitoso. Sê, tu mesmo, um bom filho e um pai gentil, e o povo será leal. Promove os bons e educa os incompetentes, e o povo será zeloso”¹³.

Ji Kangzi perguntou: “Como fazer com que o povo se torne Respeitoso, Leal e trabalhador?”. O Mestre respondeu: “Se [o governante] mantiver uma expressão grave diante das pessoas, [o povo] será Leal. Se der oportunidade aos bons e ensinar os de menor potencial, [o povo] será trabalhador”¹⁴.

No excerto é possível observar o meio pelo qual, segundo Confúcio, se governa: o exemplo. O governante somente poderá levar as pessoas a agir de forma correta se ele for correto. O povo somente será respeitoso, espelhado em seu governante. Neste sentido, a condição para o bom governo é que o governante se desenvolva eticamente, agindo e tornando-se uma pessoa nobre e sendo a própria encarnação da humanidade (*ren*). A isso agrega-se a proposição do “mandato celeste” como um mandato de missão moral, na qual a autoridade do governante e o próprio direito de governo se alicerça na sua conduta ética.

O aprendizado e a relação com o mestre

Como forma de retribuir tudo aquilo que aprendeu e vivenciou, o homem nobre se torna um educador. Através da sua conduta ética e virtuosa, age para que cada vez mais as pessoas possam aprimorar a si mesmas. Confúcio seguiu este caminho tornando-se mestre ao fim da vida, e sendo seguido por um conjunto de discípulos. No entanto, Confúcio enfatiza que mesmo aquele que já avançou no caminho nunca deixa de aprender e de se aprimorar, portanto, de ser discípulo. Como no trecho VII. 2:

O Mestre disse: “Silenciosamente depositar conhecimento na minha mente, aprender sem perder a curiosidade, ensinar sem cansar: isso não me apresenta dificuldade alguma”¹².

O Mestre disse: “Armazenar conhecimento em silêncio, permanecer para sempre faminto de aprendizagem, ensinar os outros sem se cansar – tudo isso é natural para mim”¹³.

O Mestre disse: “Em silêncio memorizar [o que se aprendeu], estudar sem se cansar, guiar as pessoas sem se fatigar. Qual dessas [três características] possuo em mim?”¹⁴.

O mestre é importantíssimo no processo de aprendizado, sendo modelo e inspiração. A relação entre mestre e discípulo “não se tratava de uma busca puramente intelectual, mas de um cultivo coletivo de conhecimento e virtudes”¹⁴ (p. 22). O mestre necessita de uma boa memória, busca pelos estudos e se dedica na orientação dos discípulos, moral e intelectualmente. Esta relação não tratava simplesmente da transmissão de conhecimentos ou princípios, mas da própria orientação do desenvolvimento dos discípulos, de forma que Confúcio conhecia as características, as necessidades e as dificuldades de cada um, direcionando os ensinamentos às suas singularidades^{13,15}.

A relação do discípulo com o mestre é de reverência, respeito e admiração. O aprendizado que toma corpo na relação do discípulo com o mestre e na amizade entre os discípulos permite um engajamento no caminho da existência, no sentido do aprimoramento da experiência de vida. Neste sentido, o aprender mantém-se como atividade individual, mas traz a alegria que deve ser compartilhada com o outro. O ensino e o aprendizado na proposta ética e no pensamento chinês não são regidos pelo outro, mas são construídos junto com o outro¹⁰.

DISCUSSÃO

A explanação do pensamento de Confúcio aqui desenvolvida permite agora que tracemos algumas considerações quanto ao desenvolvimento ético do naturólogo, enquanto profissional de saúde. Esta seção do artigo visa explorar como as proposições éticas de Confúcio podem contribuir para refletir sobre a conduta ética do naturólogo, seja no que se refere ao seu desenvolvimento ético pessoal, seja na relação que estabelece com aquele de quem ele que cuida, o interagente. Posteriormente, consideramos refletir, ainda, qual seria a responsabilidade e a contribuição social do naturólogo, considerando a importância da implicação do autodesenvolvimento para Confúcio. Não é nosso intento aplicar a ética de Confúcio ao naturólogo, visto que a transposição cultural e cronológica das ideias de Confúcio certamente tornaria esta tarefa incoerente e o nosso resultado frívolo. Pretendemos, sim, suscitar o debate ético quanto ao desenvolvimento do naturólogo e a proposta de sua relação terapêutica, a partir desta perspectiva outra e distinta das propostas éticas ocidentais, já debatidas comumente na deontologia profissional, visto que a própria naturologia pretende se desenvolver a partir do diálogo intercultural e interdisciplinar.

O desenvolvimento ético do naturólogo a partir de Confúcio

A primeira instrução quanto ao desenvolvimento ético que podemos apreender de Confúcio é a busca constante por aprendizado e autodesenvolvimento.

Podemos inferir a importância de o naturólogo buscar continuamente seu desenvolvimento pessoal e profissional, em termos técnicos, teóricos e éticos, com vistas a buscar a excelência de si mesmo e oferecer o melhor de si aos outros. Neste sentido, o naturólogo pode buscar os meios de dar o melhor de si em qualquer circunstância, mesmo diante das dificuldades. Tal busca por excelência não corresponde a um investimento egoico na formação profissional, com propósitos individualistas, em vista de sobressair-se ou de adquirir bens e recursos individuais. A humildade, virtude trabalhada a partir de Confúcio neste estudo, pode permear a todo momento o fazer profissional do naturólogo.

Para Confúcio, aquilo que se estuda deve ter uma utilidade. Este estudo consiste na prática do ensinamento e na sua memorização, exercícios que desenvolvem disciplina para o autoaperfeiçoamento. Diante do constante aprendizado, o fazer naturológico possui um caráter dinâmico que pode operar no aprendizado direcionado a si mesmo e no aprendizado resultante do exercício constante de seus novos conhecimentos. Podemos considerar que a própria prática profissional do naturólogo é o próprio *locus* privilegiado do aprendizado, visto que seu fazer profissional consiste em utilizar seus conhecimentos e sua própria existência em benefício dos demais, seja o interagente ou uma coletividade na qual atua.

Tangenciamos aqui a virtude que, para Confúcio, consiste na própria excelência humana, a humanidade (*ren*). Se a humanidade possui um sentido de *cuidar dos outros*, entendemos que esta pode ser o próprio princípio do fazer de qualquer profissional de saúde, e, neste sentido, a perspectiva de Confúcio pode nos ajudar a aprimorar os recursos e as condições necessários para isso. Se tendermos a entender, em Confúcio, que a natureza humana é benevolente, ele também nos diz que é necessário o desenvolvimento e a lapidação desta natureza, assim como o processo de polir o jade. Neste sentido, o naturólogo, mesmo que sinta o ímpeto de fazer o bem e cuidar dos outros, necessita de dedicação para desenvolver a virtude da humanidade e lapidar sua ação para este princípio em seu fazer profissional.

Para além do cuidado dos outros, humanidade implica a dedicação para auxiliar os demais a se realizar e a se reconhecer, consistindo na própria virtude do mestre/professor que, mais que duvidar do sofrimento do outro, o instiga e oferece recursos para seu autodesenvolvimento. Mesmo não tendo suas estruturas claramente definidas, podemos relacionar a humanidade, então, à própria proposta de relação terapêutica da naturologia, a interagência, que possui comum objetivo ao desenvolvimento do interagente em direção a sua autonomia.

O princípio da retidão em Confúcio possui o sentido de *fazer o que é justo*, mesmo que as circunstâncias

nos levem a fazer o contrário. Mais uma vez, é requerido ao naturólogo agir em prol do outro e desvincular-se de seus interesses pessoais, em seu fazer profissional. Fazer o que é justo pode ser considerado em dois sentidos, quanto ao fazer em naturologia. O primeiro trata de não colocar o seu ganho pessoal e a sua remuneração à frente da acessibilidade de seus conhecimentos e habilidades às pessoas. Consideramos que o fazer profissional do naturólogo deve ser remunerado; no entanto, esses ganhos não devem ser prioritários em relação ao bem que este pode levar à coletividade, nem motivo de restrição do acesso a seus atendimentos. “O cavaleiro entende o que é moral. O homem vulgar entende o que é lucrativo”¹² (p. 48).

O segundo sentido trata de o naturólogo não deturpar ou direcionar seu exercício profissional de forma a maximizar seus ganhos pessoais ou vincular o interagente a ele, usando de seu lugar hierárquico quanto à terapêutica. Reconhecemos que a relação terapêutica, por mais que pretenda ser transversal na naturologia, convidando o interagente a posicionar-se e a responsabilizar-se pelo processo, é naturalmente hierárquica, visto que há nela alguém que precisa de ajuda, e é o naturólogo que detém recursos úteis ou necessários. Fazer uso dos recursos profissionais, com visão libertária – sempre em prol do desenvolvimento, emancipação e autonomia do interagente, independentemente do ganho pessoal implicado – certamente é onde observamos a retidão, no fazer profissional, tal como proposta por Confúcio.

O princípio de sabedoria propõe ao naturólogo manter-se firme à retidão, por senso de autocrítica, alinhado à humildade. “Ao encontrar um [Homem] Virtuoso, [deve-se] pensar como igualar-se a ele. Ao encontrar um [homem] sem virtudes, [deve-se] olhar para dentro de si mesmo e refletir”¹⁴ (p. 128). No sentido desta passagem, o naturólogo pode tornar-se sábio observando e imitando aqueles que são mais habilidosos e éticos que ele, e examinando-se continuamente ao exemplo dos que estão menos desenvolvidos. A sabedoria possui semelhança a um rio, ou à água, de forma que refere a fluidez e a dinamicidade do discernimento. O contínuo exercício dos conhecimentos naturológicos e do desenvolvimento ético pessoal, no fazer profissional, certamente conduz o naturólogo ao desenvolvimento da sabedoria, pois é a partir da experiência comprometida que podemos adquiri-la.

Quanto ao princípio da confiabilidade, o naturólogo pode prezar para que tudo aquilo que postula enquanto profissional seja coerente com sua própria busca e com seus atos. De acordo com Confúcio, somente assim poderia tornar-se um profissional digno de confiança à sociedade e a seus interagentes. O discurso do profissional naturológico não pode ser vazio ou pautado apenas por um conhecimento teórico, mas deve ser fruto de seu

próprio desenvolvimento enquanto pessoa e profissional. Confúcio discorreu diversas vezes sobre a primazia da ação em relação ao discurso, explicitando que a fala não possui valor se não alicerçada no fazer correto. Dessa forma, o naturólogo pode desenvolver em si mesmo a conduta e os caminhos que vem a propor ao outro como possibilidade de tratamento e caminho terapêutico, para que suas proposições estejam alicerçadas em suas ações e possam, portanto, ter impacto positivo no outro e na sociedade.

Quanto à qualificação de si mesmo, aplicada ao desenvolvimento do naturólogo, podemos considerar que a naturologia propõe o autodesenvolvimento constante de si. Seguir o caminho da naturologia instiga o processo de autoconhecimento, de reflexão contínua e de aprofundamento em si mesmo, para a harmonização de todos os aspectos da vida que influenciam no restabelecimento da saúde e na qualidade de vida. Neste sentido, e alinhados a Confúcio, entendemos que o maior recurso terapêutico que um naturólogo pode oferecer ao outro é si mesmo, a partir de seu desenvolvimento ético, sendo que a excelência deste si mesmo é a excelência do cuidado naturológico.

A relação com o outro em Confúcio e a relação de interagência

Nas reflexões de Confúcio, o mestre, a pessoa nobre e o governante possuem a responsabilidade de auxiliar o outro a também se desenvolver, a ter capacidade de julgar por si, quando assim for do interesse do outro. Neste sentido, podemos considerar que o naturólogo assume esta responsabilidade como intrínseca a seu próprio fazer profissional, visto que considera, em última instância, o desenvolvimento do interagente o próprio objetivo da terapêutica.

A amizade propõe-se como um catalizador do desenvolvimento ético em Confúcio, a partir de que é convivendo com outros que buscam o próprio desenvolvimento, tal como você, que podemos adentrar e permanecer no caminho. A amizade fortalece o desenvolvimento ético, visto que a relação com o outro é a própria medida e referência do autodesenvolvimento. Tal proposta de Confúcio pode ser associada ao princípio da transversalidade da interagência, a partir do qual se reconhece que naturólogo e interagente caminham e aprendem juntos, sendo que o desenvolvimento do interagente implica também o desenvolvimento do naturólogo¹⁶.

Não podemos considerar a relação terapêutica da naturologia uma amizade no sentido usual, visto que é uma relação profissional, mas podemos propô-la no sentido confuciano, onde a humanidade, o caminhar junto, o cuidar do outro e o fomentar o crescimento e desenvolvimento do outro estão implicados.

Humanidade [é] querer ficar de pé, mas [é também] fazer os outros ficarem de pé; [é] querer se realizar, mas [é também] fazer os outros se realizarem. Ser capaz de partir de si próprio para entender o outro, pode-se dizer que, de fato, esse é o método [para alcançar a] Humanidade¹⁴ (p. 209).

Na relação terapêutica, como proposta na interagência, o naturólogo é entendido como facilitador do processo de desenvolvimento da pessoa, no sentido da autonomia, e do processo de restabelecimento do equilíbrio orgânico e da vitalidade. Como colocado por Hellmann e Verdi⁷ (p. 7):

Proteger o vulnerado contra situações que o coloquem em risco e promovam adoecimento, e criar ações que favoreçam a autonomia desses, além de ser dever do Estado (Schramm, 2003), é ato possível de ser posto em prática na atenção à saúde quando realizada por profissionais comprometidos socialmente.

Para a World Naturopathic Federation¹⁷, todo profissional que trabalha com a promoção da vitalidade compreende seu papel de educador, possibilitando àquele que cuida um prolongamento de seu estado de bem-estar. A relação que se estabelece como interagência, portanto, propõe o naturólogo como um educador em saúde¹⁸, outro aspecto que podemos explorar a partir de Confúcio.

Para Confúcio, o ensino, por parte do professor/mestre, propõe o aprendizado para o discípulo de forma vivencial, na qual a confiança no mestre e a sua existência como exemplo são as referências para o desenvolvimento. Dessa forma, o naturólogo não pode abster-se do lugar de exemplo, na relação terapêutica. É com a referência do próprio autodesenvolvimento do naturólogo que o interagente trilhará seu caminho rumo à promoção da saúde e à transformação de sua condição de existência para uma mais saudável e satisfatória.

Qual seria a responsabilidade e a contribuição social do naturólogo?

Em Confúcio, todo o desenvolvimento ético pessoal manifesta-se na responsabilidade para com os outros no nível da família, da comunidade e da sociedade. A reflexão proposta neste artigo ficaria incompleta se não explorássemos qual seria a contribuição social do naturólogo a partir de seu desenvolvimento ético.

No pensamento chinês, há a percepção de que o outro e a sociedade, assim como a natureza e o universo, são prolongamentos de si, de forma que não há separação entre estas dimensões. O fazer naturológico, mesmo que se destine a atendimentos individuais, possui implicações coletivas e sociais, de forma que estas implicações devem ser objeto da nossa reflexão ética.

O naturólogo como profissional de saúde pode ser um agente de desconstrução das falhas éticas, dos

desvios de finalidade e das corrupções do próprio sistema de saúde, visto que em muitos momentos este atende a interesses individuais que não os da população e usa recursos hierárquicos e de poder em detrimento da saúde coletiva. Visto que seus conhecimentos partem de um constructo histórico e social, pertencendo a toda a humanidade e utilizados em seu próprio benefício⁸. O naturólogo pode assumir sua responsabilidade pública e dedicar-se à transformação do sistema de saúde, tanto em termos de sua estrutura técnica e de conhecimento, que se mostra insuficiente no enfrentamento de grande parte das problemáticas de saúde, quanto em termos de seus desvios éticos. A partir de que o naturólogo possui outra forma de compreender as problemáticas de saúde, faz-se necessário que ele assuma a responsabilidade de auxiliar a sociedade na melhor forma de enfrentar as problemáticas complexas de saúde e de exercer uma atividade política e cidadã ativa.

Em Confúcio, o desenvolvimento ético tem a finalidade de contribuir com a sociedade, assumindo-se cargos públicos. A quais funções públicas poderia o naturólogo dedicar-se a fim de contribuir com a sociedade a partir de seus conhecimentos e desenvolvimento ético? É uma pergunta necessária de se fazer. Os âmbitos da saúde pública e da gestão em saúde podem ser espaços de ação ética do naturólogo, à medida que este reconhece a sua responsabilidade não somente quanto à saúde individual daquele que ele cuida, mas quanto à saúde de coletividades maiores e da sociedade como um todo.

A visão complexa que a naturologia assume como base inclui, na perspectiva de análise das problemáticas de saúde-adoecimento, a dimensão social, de forma que esta já é considerada em termos teóricos e analíticos³. No entanto, pouco se discutiu sobre as responsabilidades sociais do naturólogo. Neste sentido, vemos que a discussão ética em naturologia permanece atrelada à perspectiva individualista das deontologias profissionais, explorando pouco escolas e debates da bioética que se debruçam nas problemáticas da justiça social e das desigualdades. Encontramos somente nas produções de Hellmann e Verdi^{7,8} a proposição com a qual compactuamos de que se deve aprofundar nas reflexões da bioética social, a qual demanda a formação de profissionais da saúde alinhados política e eticamente, de forma que seus códigos deontológicos sejam atualizados à realidade social.

Neste sentido, a perspectiva de Confúcio nos instiga a explorar a dimensão ética do naturólogo também quanto a sua função social e a sua capacidade de fazer o bem e contribuir em termos de coletividade maior, a sociedade. O naturólogo pode se questionar quanto às desigualdades sociais e a inacessibilidade ao seu fazer profissional, pela maior parte da população, possibilitando o acesso de suas práticas ao sistema público de saúde, ou outras formas de trabalho comunitário,

como também enfatizado por Hellmann e Verdi⁷. Além disso, é responsabilidade ética do naturólogo atuar nos determinantes sociais que fomentam um estilo de vida insustentável individual, coletiva e ambientalmente. O naturólogo pode manifestar-se quanto às injustiças e quanto à destruição de saberes tradicionais de saúde que compõem a base de seu conhecimento, junto com outros, como os saberes tradicionais dos povos originários do Brasil.

Hellmann e Verdi^{7,8} observaram que a abordagem destes aspectos no ensino em naturologia se mostra escassa e por vezes inadequada, resultando em uma formação descontextualizada da realidade social. Tal dado fomenta a importância de mais estudos no campo da ética e da bioética, e a necessária aplicação destes estudos na formação do naturólogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu agregar ao campo de conhecimento naturológico e da saúde reflexões éticas do pensamento clássico chinês com o intuito de expandir o referencial a partir do qual a saúde pensa e reflete a sua prática profissional. Visto também que a MTC configura um largo campo de atuação, não somente de naturólogos, consideramos que é importantíssimo tanto o aprofundamento no pensamento chinês em geral quanto o estudo de referenciais desta cultura e civilização, para além do conhecimento técnico e teórico aplicado da MTC.

O estudo do *Analectos* mostrou-se um desafio, visto os grandes distanciamentos culturais e cronológicos que nos separam da época e do momento histórico em que Confúcio viveu. No entanto, a maior parte de seus ensinamentos mostrou-se secular, de forma que consideramos suas reflexões altamente pertinentes e concernentes às questões éticas do campo da naturologia e da saúde.

A metodologia aqui proposta mostrou-se interessante ao permitir um contato com o texto longitudinal, de forma que foi possível assimilar seus ensinamentos de forma não meramente intelectual. O estudo do clássico a partir de três traduções mostrou-se válida, visto que foi possível explorar mais profundamente e com maior precisão os sentidos dispostos no texto.

A partir da apresentação dos conteúdos textuais estudados, observa-se a importância da contextualização para o entendimento do Clássico. Pela leitura da autora Anne Cheng¹⁰ dos comentaristas e artigos, ocorreu uma ampliação do conhecimento teórico sobre a tradição chinesa. As leituras permitiram uma imersão nos contextos históricos e cosmológicos que influenciaram largamente a civilização chinesa e a sua medicina. Para além de intencionar um melhor resultado no trabalho terapêutico, na prática da MTC pelos naturólogos,

este estudo contribui para se estabelecer, com este conhecimento não ocidental, uma relação transversal, respeitosa e coerente.

Consideramos as reflexões éticas de Confúcio, a sua proposta de aprendizado, desenvolvimento, valorização da vida e aposta na humanidade de extrema valia para o desenvolvimento ético do naturologo, bem como para o melhor exercício da MTC por outros profissionais de saúde, a partir do que se pode compreender mais profundamente a cultura na qual ela emerge.

Queremos ressaltar, a partir deste estudo, o risco de a naturologia, sendo uma profissão nova e emergente no campo da saúde, passar a valorizar o conhecimento e o desenvolvimento técnicos e interventivos em detrimento da sabedoria e do desenvolvimento éticos. A aposta de

Confúcio é que uma pessoa que age eticamente, alguém que atua à semelhança do homem nobre, é um recurso potente de cuidado dos demais, da comunidade e da sociedade. Neste sentido, a naturologia deve questionar a dimensão do cuidado técnico e quais os benefícios advindos destes e a dimensão do desenvolvimento ético quanto à própria proposta de cuidado. A naturologia já se desenvolve neste sentido, visto que propõe a interagência enquanto práxis terapêutica e reconhece a dimensão ética desta proposição como o maior recurso terapêutico em termos da promoção da saúde e do desenvolvimento de autonomia. Resta-nos expandir reflexões, diálogos e perspectivas para que este direcionamento tome profundidade e venha a transformar a prática dos naturologos e demais profissionais de saúde.

Corrêa CG, Leite-Mor ACMB. Contributions from the ethical-philosophical notions of Confucius to the ethical development of the naturologist. *Saúde, Ética Justiça (Online)*. 2021;26(2):57-69.

ABSTRACT: Introduction: The present work aims to discuss the professional ethics and social responsibility of the naturologist as a health professional based on the study of The Analects of Confucius. **Objective:** To develop ethical considerations based on Confucius' philosophy, using his ethical model of the human / individual to discuss the professional ethics of the naturologist. **Method:** Theoretical-reflective research was done using an experiential-hermeneutic methodology, and the literature selected for contextualization of the social-historical period in question was read, annotated, and systematized. The experiential-hermeneutic methodology consisted in the simultaneous in-depth reading of three translations of the Analects, chapter by chapter, and the reflection about this classic work's teachings in everyday life, along with discussions with a research group. **Results and Discussion:** The results were presented in two groups: the reflections related to self-improvement through learning and the development of virtues; and the reflections related to the improvement of the relationship with others, such as in education, the government and friendships. These aspects can be related to the naturologist's professional ethics and raise the question of this professional's social responsibility. **Final Considerations:** We consider Confucius' thoughts on ethics, his proposal for learning, development, his appreciation of life and positive outlook on humanity extremely valuable to the naturologist's ethical improvement, as well as to a better practice of Traditional Chinese Medicine, one with a deeper understanding of the perspective from which TCM emerges.

KEYWORDS: Ethics; Confucianism; Naturology; Philosophy; Bioethics.

REFERÊNCIAS

1. Rodrigues DMO, Passos MA, Antônio RL, Portella CFS, Ceratti C, Hellmann F. Afinal, Naturologia e Naturopatia são coisas distintas ou similares? [Editorial]. *Cad Naturol Terap Complem* [Internet]. 2017 [Acesso em 2020 jun. 24];6(10):9-12. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/5487/3270>. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/cntc.v6e1020179-12>
2. Portella C. Naturologia, transdisciplinaridade e transracionalidade. *Cad Naturol Terap Complem* [Internet]. 2013 [Acesso em 2020 jun. 24];2(3):57-65. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/1258/1806>. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/cntc.v2e3201357-65>
3. Silva AEM. Naturologia: um diálogo entre saberes [tese] [Internet]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2012. [Acesso em 2020 jun. 24]. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3458?mode=full>
4. Antonio R. Princípios centrais de interagência: uma contribuição para a clínica naturológica. *Cad Naturol Terap Complem* [Internet]. 2017 [Acesso em 2020 jun. 24];6(11):81-97. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/4991/3286>. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/cntc.v6e11201781-91>
5. Barros NF, Leite-Mor ACMB. Naturologia e a emergência de novas perspectivas na saúde. *Cad Acad Tubarão* [Internet]. 2011 [Acesso em 2020 jun. 24];3(2):2-15. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Cadernos_Academicos/article/view/715/668
6. Sabbag SHF, Nogueira BMR, De Callis ALL, Leite-Mor ACMB, Portella CFS, Antonio RL, et al. Origem

- e desenvolvimento da Naturologia no Brasil: aspectos conceituais, históricos e políticos. *Cad Naturol Terap Complem* [Internet]. 2017 [Acesso em 2020 jun. 24];6(11):59-68. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/5493/3285>. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/cntc.v6e11201759-68>
7. Hellmann F, Verdi MIM. Temas e referenciais de análise em Bioética no ensino da graduação em naturologia no Brasil à luz da bioética social. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2012 [Acesso em 2020 jun. 24];16(42):733-47. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000300012&lng=en. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012000300012>
 8. Hellmann F, Verdi MIM. Ética, bioética e deontologia no ensino da naturologia no Brasil. *Rev Bioét* [Internet]. 2014 [Acesso em 2020 jun. 24];22(3):529-39. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422014000300017&lng=en&nrm=i so. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422014223036>
 9. Debetio JO, Bittencourt SC, Hellmann F, Puton V. Questões éticas no processo de cuidar: o olhar de naturólogos. *Rev Bioét* [Internet]. 2018 [Acesso em 2020 jun. 24];26(1):109-18. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422018000100109&lng=en. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422018261232>
 10. Cheng A. *História do Pensamento Chinês*. 1ª ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2008.
 11. Gernet J. *El mundo chino*. 1ª ed. Barcelona: Crítica; 2005.
 12. Confúcio. *Os Analectos*. Tradução de Caroline Chang. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM; 2012a.
 13. Confúcio. *Os Analectos*. Tradução de Cláudia Berliner. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
 14. Confúcio. *Os Analectos*. Tradução de Giorgio Sinedino. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP; 2012b.
 15. Norden BWV. *Introdução à filosofia chinesa clássica*. 1ª ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2018.
 16. Leite-Mor ACMB, Wedekin LM. Diálogos entre naturologia e antropologia da saúde. *Cad Acad Tubarão* [Internet]. 2011 [Acesso em 2020 jun. 24];3(1):4-23. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Cadernos_Academicos/article/view/584/618
 17. World Naturopathic Federation. WNF White Paper: Naturopathic, Philosophies, Principles and Theories [Internet]. 2017 [Acesso em 2020 jun. 24]. Disponível em www.worldnaturopathicfederation.org
 18. Carmo RK, Cobo GA, Hellmann F. A relação de interagir sob a perspectiva da abordagem centrada na pessoa. *Cad Naturol Terap Complem* [Internet]. 2012 [Acesso em 2020 jun. 24];1(1):29-41. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/1015/947>. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/cntc.v1e1201229-41>

Este é um artigo de Livre Acesso, distribuído sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), a qual permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio ou formato, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

Recebido em: 25/03/2021

Aprovado em: 31/10/2021